

Introdução

O elo invisível

O objectivo central do presente trabalho é o da reconstituição do itinerário pessoal e empresarial de Manuel de Mello, principal responsável pelo grupo CUF entre a Segunda Grande Guerra e a primeira metade dos anos sessenta.

A tarefa a que nos propusemos apresentava-se bastante motivadora, tendo em consideração a opacidade que escondia a personagem, tornando-a no elo invisível da cadeia iniciada em Alfredo da Silva e prolongada até à actualidade pelos seus netos Jorge e José Manuel.

Na realidade, o contributo pessoal de Manuel de Mello foi, em grande parte, entendido como um mero prolongamento da obra de Alfredo da Silva, consequente da dinâmica legada pelo seu antecessor.

Neste contexto, a imagem que chegou aos nossos dias oscila entre a dúvida sobre os seus méritos e o desconhecimento generalizado da obra realizada. Um líder de transição? Ou, efectivamente, um empreendedor, um intérprete de primeira linha?

Este vazio resulta de uma série de lugares comuns. Em primeiro lugar, sobressai a tentação corrente de limitar a análise da sua acção a uma comparação directa com a obra realizada pelo sogro^I. Evitar este efeito contraluz torna-se determinante para compreender objectivamente a personalidade e a obra de Manuel de Mello.

Um outro aspecto obliterou a correcta ponderação do seu percurso. A prematura doença que o atingiria acelerando a ascensão dos filhos, Jorge e José Manuel, na hierarquia do grupo, comprimindo o seu espaço de acção, originando involuntariamente uma ligação directa entre o tempo de Alfredo da Silva e o dos netos^{II}.

Acrescente-se um terceiro factor que diminui a percepção exterior do protagonista: a intenção deliberada de garantir a continuidade do projecto empresarial que herdara do sogro, anulando de forma programada a sua imagem em favor dos seus sucessores, propósito indissociável da sua própria inclinação à sobriedade e discrição. Objectivo alcançado, sem sobressaltos, na passagem do testemunho à terceira geração, num processo onde se

detecta uma notável acção pedagógica, mérito partilhado com a ainda mais esquecida herdeira universal de Alfredo da Silva, Amélia de Resende Dias de Oliveira da Silva de Mello, à qual o presente trabalho reserva igualmente um olhar atento. Em causa estava a inviolabilidade do princípio da *união*, evitando a dispersão, risco natural que poderia resultar num complexo processo de partilhas dada a existência dos quatro herdeiros da terceira geração. Mas não resultou, e o grupo manteve o património intacto no essencial até Abril de 1974. Realidade que deve ser sublinhada se recordarmos que, para além dos dois sucessores masculinos, as duas filhas do casal contrairiam matrimónio com António Champalimaud^{III} e José Maria Espírito Santo^{IV}.

Deparava-se-nos, assim, à partida, um campo amplo de investigação a percorrer sem preconceitos, confirmando-se nas primeiras sondagens a plena oportunidade da iniciativa^V. A divisão da sua vida em planos contextualizados procurou fixar o essencial que uma biografia exige, privilegiando os aspectos pessoais em detrimento dos institucionais, não se podendo confundir o presente exercício com a tentativa de estabelecer a história do grupo CUF, correspondente à cronologia abordada. Por outro lado, o período de convivência com Alfredo da Silva foi alvo de uma visão mais sintética, em função do desenvolvimento que naturalmente lhe será dedicado em trabalho próximo já em preparação a que nos referimos mais adiante.

Alfredo da Silva, sem sucessores masculinos, não logrou criar uma dinastia empresarial que fixasse o seu patronímico, a exemplo das grandes casas industriais europeias como os Krupp ou os Schneider. O que Silva necessitava era de um continuador masculino que garantisse o futuro da sua obra, regra geral, à época, de sucessão nas empresas. Neste contexto a questão do casamento da sua filha única, Amélia, transcendia notoriamente o plano familiar. “Casa-se também com a CUF?” A histórica frase, dirigida por Alfredo da Silva ao jovem Manuel de Mello, não se tratava de uma metáfora, era uma condição preestabelecida sem rodeios, que o futuro viria plenamente a confirmar. Manuel de Mello soube conjugar as suas qualidades com as de Alfredo da Silva ao longo dos mais de vinte anos de trabalho conjunto. Mas para além da necessária aprendizagem adquirida junto do sogro, Mello transportou para a sua actividade as competências adquiridas no curso comercial que frequentou na Academia Internacional de Zurique. Por outro lado, corria-lhe no sangue não só a tradição empresarial do seu avô materno, Adolfo de Lima Mayer, mas, igualmente, o

exemplo do lado paterno de uma nobreza activa, de trabalho, bem representada no seu pai, Jorge de Mello, 2.º conde do Cartaxo, agrónomo, com carreira pública conhecida.

Manuel de Mello receberia, em 1942, o comando do grupo CUF. Nas duas décadas que se seguiriam o grupo manteve o seu rumo de desenvolvimento, consolidando em várias frentes a sua condição de liderança a nível nacional. À data da sua morte, a 15 de Outubro de 1966, deixava a sucessão garantida nos seus dois filhos Jorge e José Manuel. Mas garantia, igualmente, a presença na administração da CUF do seu irmão Diogo de Mello, e do seu primo António Vasco de Mello, 4.º marquês de Sabugosa.

Mello, e não Silva, seria, deste modo, o nome de família que persistiria, propagado como sinónimo de empreendedorismo. Essa mutação inicia-se, naturalmente, com Manuel de Mello. A articulação desses estilos tão diferentes reconfigurou a cultura do grupo CUF. A explicação desta mudança será o segundo objectivo do presente trabalho, contribuindo para o melhor conhecimento do grupo económico de maior expressão no país até 1974. Não é possível a compreensão desta transição sem o estudo atento do trajecto de Manuel de Mello, agente principal desta metamorfose.

Este trabalho constitui um segundo painel de um tríptico iniciado pela biografia de Alfredo da Silva (Bertrand, 2004), e que se concluirá com a edição de um terceiro estudo dedicado ao itinerário político de Alfredo da Silva centrado, sobretudo, no seu relacionamento com António de Oliveira Salazar.

Estabelecendo um processo de simetria com o estudo anterior, procurámos caracterizar devidamente os ascendentes de Manuel de Mello. Deparamo-nos obviamente com um ambiente diverso do definido na biografia de Alfredo da Silva, com informação mais acessível e até, nalguns casos, estruturada por monografias esclarecedoras do essencial da genealogia e história familiares. Essa disponibilidade permitiu-nos uma mais fácil reconstituição do quadro histórico formador do carácter do protagonista, marcado por considerável instabilidade política, que incluiu o regicídio e a queda do regime monárquico, seguido da eclosão da Primeira Grande Guerra. Os dois primeiros acontecimentos marcaram profundamente a sua família paterna (S. Lourenço/Sabugosa/Cartaxo) radicada há gerações no círculo mais fechado da Casa Real. A este propósito dedicámos a primeira parte do presente trabalho (capítulos I e II). Nos restantes seis capítulos que compõem a obra procurámos fixar, respectivamente, o início da actividade de Manuel de Mello no grupo CUF, como braço direito de Alfredo da Silva

(III); o processo sucessório que o guindou à liderança (IV); as dificuldades que enfrentou no início da sua administração no contexto da Segunda Grande Guerra (V); o período que melhor caracterizou a sua visão empresarial (VI) e, finalmente, o plano sucessório que garantiu para o futuro a unidade do projecto herdado (VII – VIII).

Para a concretização deste plano, pudemos contar com uma equipa de investigação cujos contributos passamos a enumerar. Na distribuição de tarefas coube a Paulo Jorge Fernandes o desenvolvimento das áreas da indústria química do grupo CUF e as investigações relativas ao período escolar de Manuel de Mello. O período correspondente ao exílio de Alfredo da Silva foi trabalhado por Carolina Peralta, que pesquisou, igualmente, os aspectos da obra social e dos momentos finais de Amélia e Manuel de Mello. Cristina Dias desenvolveu a pesquisa relativa à reconstituição das anteriores gerações das famílias Mello e Lima Mayer. Deve-se-lhe, igualmente, a investigação dos aspectos relativos às empresas de transportes do grupo. A Paulo Oliveira, dando continuidade a trabalhos anteriores, foi confiada a revisão das áreas da indústria naval (construção e reparação) e do lançamento da Lisnave. Steven Smith conduziu o levantamento documental realizado no Public Record Office em Londres. A Lurdes Baptista, com o apoio de Filipa Mendia, coube a classificação e organização do espólio fotográfico reunido.

A realização deste trabalho contou com um elevado número de apoios, a quem nos cumpre deixar uma referência de reconhecimento. Agradecemos a António Vasco de Mello César de Meneses, 14.º conde de São Lourenço, e à Associação Cultural da Casa Sabugosa e São Lourenço, o acesso ao respectivo arquivo; a Teresa Mendes Ferreira pela disponibilidade e acolhimento nas investigações realizadas nos arquivos da Tabaqueira; a Fernando Faria, responsável pelo arquivo da Escola Secundária Passos Manuel; a Paulo Rato e José Lima (Arquivo da RDP); Odete Martins e Célia Gomes do Arquivo Nacional da Torre do Tombo; a Sara Moreira do Arquivo Nacional de Imagens em Movimento (ANIM); a Carolina Peralta pelas facilidades concedidas de acesso ao seu arquivo de família (Arquivo Paes Borges); a J. M. Leal da Silva, sempre disponível na condução das pesquisas no acervo documental do Arquivo da CUF, para além dos contributos nas questões relacionadas com as indústrias químicas; a Daniel Proença de Carvalho pelas suas pistas de pesquisa relativamente ao relacionamento entre Manuel de Mello e António Champalimaud e, ainda, a

Pedro Libano Monteiro, actual proprietário da casa de São Cristóvão no Monte Estoril, pela visita guiada que nos proporcionou à residência preferida do casal Mello após o casamento.

Em segundo lugar fica o nosso agradecimento aos familiares e antigos colaboradores de Manuel de Mello que se disponibilizaram à realização de entrevistas, testemunhos que muito valorizaram o presente trabalho, nomeadamente: António Portela, António Vasco de Mello, Carlos Ferreira Torres, Diogo Weinstein, Francisco Silva, Helder Neves Veiga, Henrique Marques Pereira, João Rocheta, Joaquim Aguiar, Julieta Nascimento, Luís Gregório, Maria Madalena José de Mello, Manuel Alfredo Cunha José de Mello, Maria da Conceição da Cunha José de Mello, Maria Luísa José de Mello Franco e João Pais do Amaral Franco, Maria Teresa de Mello Costa Duarte.

Em terceiro lugar o reconhecimento ao conselho consultivo informal que se organizou em torno do projecto em que recordamos o entusiasmo e dedicação de Teresa de Mello Gross, Pedro Maria Guimarães José de Mello, José António de Mello, 5.º conde do Cartaxo, agradecendo ao último a documentação fornecida e os conselhos prestados, e também o imprescindível apoio de Manuel de Abreu Gomes e sua equipa. A este núcleo, sempre presente, acrescentemos aqueles que ficaram baptizados de *membros honorários* do grupo de trabalho a quem agradecemos, para além do interesse sempre demonstrado e dos depoimentos prestados, o acesso a documentos fundamentais que se encontravam nos seus arquivos pessoais: Jorge Maria Cunha de Mello, Luísa Maria de Mello Ulrich Anjos, Maria Isabel José de Mello Osório e João Manuel de Mello Franco.

Por fim, aos filhos de Manuel de Mello, Maria Cristina – a quem prestamos homenagem póstuma –, Jorge Augusto e José Manuel, uma palavra especial de agradecimento pela disponibilidade em partilharem com o autor as suas memórias do passado, recolhidas em tempo útil, e que se tornaram já hoje num legado documental importante para o futuro.

Miguel Figueira de Faria
Lisboa, 27 de Fevereiro 2007